

Sobre Araújo, Mauro Luciano de. *Existencialismo e crítica no cinema: estudo e teoria sobre a fenomenologia de André Bazin e Merleau-Ponty*. São Cristóvão: Editora UFS, 2012, 113 pp., ISBN: 9788578222727.

por Rodrigo Cássio Oliveira*



Embora os estudos de cinema tenham se constituído historicamente como um campo de pesquisa que valoriza a interdisciplinaridade, não é sempre que a literatura filosófica é acessada em profundidade pelas pesquisas da área. Longe de indicarem um simples problema de método, as apropriações tímidas ou declaradamente instrumentais do conhecimento filosófico, por parte dos pesquisadores de cinema, acabam repetindo as limitações de procedimento de um bom número de pesquisas em filosofia que abordam o cinema de modo

precário, já que nunca permitem que os filmes ultrapassem a condição trivial de ilustrações das teses filosóficas.

Neste contexto, que exige de ambos os lados o esforço de levar a sério o princípio da interdisciplinaridade, o livro *Existencialismo e crítica no cinema*, de Mauro Luciano de Araújo, interpõe-se como um trabalho interessado em pensar a fundo as contribuições da fenomenologia para o pensamento cinematográfico.

Para levar a cabo este projeto, a estratégia adotada pelo livro é essencialmente exegética, elegendo o pensamento do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty como a principal âncora das investigações de Araújo sobre os conceitos

fenomenológicos que, a seu ver, penetraram com maior relevância na discussão dos problemas específicos da teoria e da crítica cinematográfica. O ponto de chegada dessa incursão pela filosofia de Merleau-Ponty – devidamente acompanhada do diálogo com as contribuições basilares de autores como Sartre, Bergson, Heidegger e, naturalmente, Husserl – é a produção intelectual de André Bazin, assumido na obra como “um dos divulgadores não somente mais eficientes, como também mais inventivos da fenomenologia proposta por Sartre e Ponty” (21).

De acordo com o itinerário proposto, o ponto forte da discussão levantada em *Existencialismo e crítica no cinema* está na articulação dos conceitos de imagem e mundo, em torno dos quais se abre a possibilidade de averiguar o papel assumido pela fenomenologia enquanto metodologia científica e, de forma ainda mais interessante para o objetivo da obra, a possibilidade de conduzir a reflexão epistemológica em direção ao estudo do processo de significação *na* consciência.

É aqui que a importância de uma teoria fenomenológica da imagem – entre Sartre e Merleau-Ponty – se amplifica, embasando a perspectiva segundo a qual a transcendência, no sentido que este termo assume nos filósofos estudados, é responsável pela produção das imagens que, em última instância, constituem o próprio mundo. As teses fundamentais que embasam o ponto de vista da fenomenologia endossam o impactante deslocamento da filosofia ocidental para longe da *res cogitans* cartesiana, levando Araújo a propor que o multiperspectivismo de Merleau-Ponty é inerente a um “questionamento de um realismo clássico, uma realidade que se via numa perspectiva harmônica” (54).

A ideia de realismo, empregada acima como sinônimo de uma teoria clássica do conhecimento (e que seria melhor definida como moderna, no lastro da visão de mundo cartesiana), serve de ponte para a aproximação a André Bazin como uma figura de destaque na fase de modernização do discurso cinematográfico.

Não é por acaso. Bazin é um autor cujo exercício, como crítico e teórico, amparou-se em uma firme convicção a respeito do realismo intrínseco da imagem fotográfica, atribuindo um caráter ontológico – e também ético – à discussão sobre o papel do cinema enquanto janela aberta para a realidade, ou melhor, como uma consciência ativa e criativa que se abre para o mundo, sendo uma imagem dele. Ainda que o leitor interessado em André Bazin encontre em *Existencialismo e crítica no cinema* uma desvantagem em relação ao aprofundamento maior da leitura direta de Merleau-Ponty por Mauro Araújo, é observada com precisão a posição singular do crítico francês nos anos 1950, a uma só vez comprometido com o modernismo artístico e interessado na produção dos grandes estúdios hollywoodianos – postura que resume parte essencial do espírito da revista francesa *Cahiers du Cinéma*, fundada e dirigida por Bazin em sua fase mais influente e expansiva.

A entrada em foco de Bazin situa-o em seu próprio tempo, como um intérprete do cinema que absorveu e superou as tradições teórico-críticas da fotogenia (Gance, Epstein) e do princípio da manipulação (Vertov, Eisenstein). O capítulo “Limites da fenomenologia em André Bazin” é a parte da obra que melhor desvela os enlaces entre a fenomenologia e o trabalho do editor da *Cahiers*. A famosa defesa baziniana do plano-sequência, por exemplo, é pensada a partir da influência que a psicologia e a noção de acontecimento de Merleau-Ponty exerceram sobre o autor de *Ontologia da imagem fotográfica*. Por sua vez, Merleau-Ponty, que dedicou ao cinema a conferência *O cinema e a nova psicologia*, de 1945, tem ressaltadas as suas objeções à teoria da montagem, partilhando com Bazin o entendimento de que a melhor expressão cinematográfica está associada ao poder fenomenológico dos filmes.

Nesse passo, *Existencialismo e crítica no cinema* procura explorar ao máximo o sentido das proposições bazinianas acerca de um realismo de tipo ontológico. Apesar de o livro não investir no comentário de filmes com o mesmo fôlego com que investe na exposição de conceitos, as aproximações

pontuais às obras cinematográficas são enriquecedoras e auxiliam a esclarecer as afirmações teóricas mais incisivas. Mauro Araújo encerra o seu estudo discutindo o legado do realismo fenomenológico a partir das acusações de idealismo dirigidas a Bazin pelos teóricos que lhe sucederam, e identifica *en passant* os paradigmas que tomaram seu lugar na crítica francesa, da radicalização maoísta-militante da *Cahiers* (pós-1968) à celebração dos tratados de Gilles Deleuze sobre imagem-tempo e imagem-movimento, já em meados dos anos 1980.

Fiel ao distanciamento histórico que a conclusão explicita quando se refere às décadas mais recentes, *Existencialismo e crítica no cinema* é um trabalho que se arrisca no aprofundamento de um tópico filosófico consagrado na história das teorias do cinema. Por isso, o texto merecia uma edição mais cuidadosa da Editora UFS, evitando problemas básicos de revisão, como a falta de norma no emprego de negrito e itálico (sobretudo para os títulos de obras) ou a imperdoável omissão dos livros de Merleau-Ponty nas referências bibliográficas.

Apesar desses problemas formais, o livro se sustenta como uma leitura saliente para interessados em compreender melhor as características do realismo baziniano e sua interface com a fenomenologia francesa, seja quando esses leitores estão no âmbito da filosofia, seja quando eles estão no âmbito dos estudos de cinema – já que, aqui, as duas áreas caminham necessariamente juntas.

* Rodrigo Cássio Oliveira é professor e pesquisador da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2010-2014) e mestre em Comunicação Social (UFG, 2008-2010). Autor de *Filmes do Brasil secreto* (Editora da UFG, 2014). Como crítico e curador, publica trabalhos em diferentes veículos e integra comissões de seleção de obras audiovisuais em festivais de cinema e vídeo. Seus interesses de pesquisa concentram-se nos âmbitos das artes visuais, do cinema e do vídeo, com ênfase em teorias da imagem, teoria e história da arte, cinema moderno e estudos de representação, encenação, narrativa, gênero e estilo. Mais informações e acesso a trabalhos em www.rodricassio.com. E-mail: rodccassio@hotmail.com.